

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: deleção de onde Class.: 250

Data: 09/01/92 Pg.: \_\_\_\_\_

190

ÍNDIOS ASSASSINADOS

# Medo domina população xacriabá

**I**TACARAMBI (Do enviado especial Neuber Soares) — A população xacriabá, da reserva de Barra do Sumaré, município de Itacarambi, a 647 quilômetros de Belo Horizonte, continua sob o domínio do medo, após a morte de três índios durante a realização da Festa de Santos Reis, na última segunda-feira. As

investigações destinadas a esclarecer os homicídios, bem como a prisão de Dalvino Dias de Souza (50 anos), autor de duas mortes, estão estagnadas e somente serão desenvolvidas a partir do próximo sábado, quando o delegado de Januária chegar à cidade.

Lucílio Pinheiro de Azevedo, que vai presidir o inquérito, permanecia ontem em Januária, onde recebeu uma equipe de policiais de Itacarambi, que foram levar um preso. O policial se inteirou de alguns detalhes dos crimes mas não te-

ve condições de viajar para Itacarambi, a 60 quilômetros, devido ao acúmulo de serviço em sua repartição.

O delegado Lucílio Pinheiro explicou que a repartição da Polícia Civil em Itacarambi, no momento, está sem delegado, já que seu titular, Edson Geraldo da Paixão, encontra-se de férias. Ele adiantou que o inquérito ainda não foi instaurado pelo impossibilidade de ouvir testemunhas dos crimes e a pivô dos acontecimentos, uma índia, com quem Jaime Dias de Souza (19 anos) estava na-

morando. Jaime foi assassinado pelo pai da moça.

**Boatos**

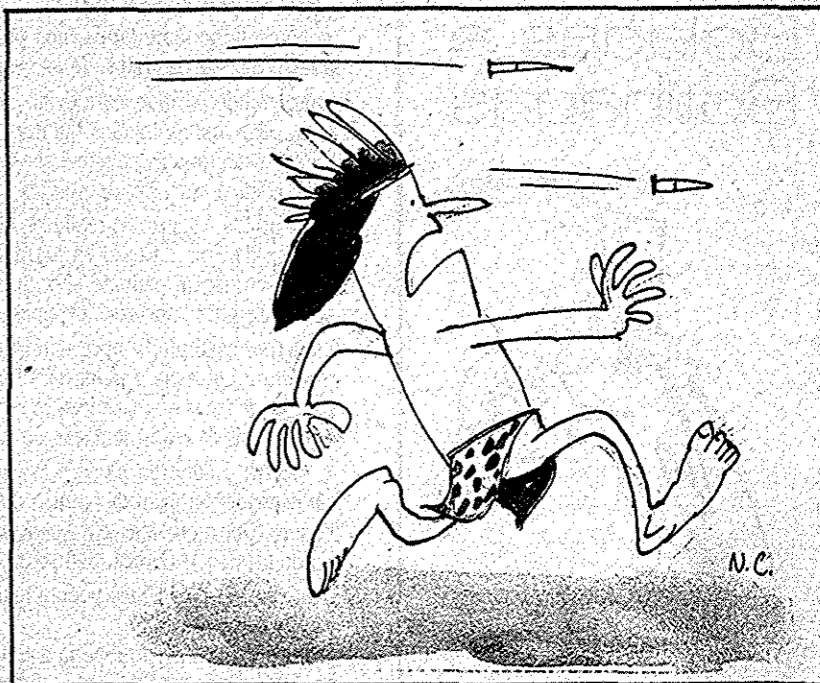
A falta de informações oficiais acerca das razões que provocaram os crimes na reserva dos xacriabás, cedeu lugar a rumores que somente a partir da próxima semana serão esclarecidos. Em Itacarambi, a notícia mais comentada, ontem, indicava que Jaime teria seduzido a índia, motivando a reação de seu pai, Ezequiel Nunes Macedo (46 anos).

A reação de Jaime, segundo os rumores, foi uma séria discussão com o pai de sua namorada, culminando com algumas chicotadas que atingiram Ezequiel, além de uma velada promessa de morte do rapaz. Temeroso de ser morto, Ezequiel foi para uma trilha, passagem obrigatória de Jaime, onde o emboscou, dando-lhe um tiro de espingarda na cabeça.

Jaime estava acompanhado de seu pai, Dalvino, que ao ver o rapaz sangrando, usou seu revólver calibre 38, matando Ezequiel e o irmão deste, Valeriano Nunes Macedo, que teria participado da emboscada. Dalvino disparou quatro tiros, acertando dois nas cabeças dos irmãos e fugindo para local ignorado. Militares da 70ª Companhia de Januária tentaram localizar Divino mas acabaram por interromper a caçada devido à falta de provas.

**Cova rasa**

Ontem à tarde, o delegado de Januária começou a traçar um plano de trabalho para quando chegar a Itacarambi no próximo sábado. Lucílio Pinheiro vai sozinho e acha que não será necessário ser acompanhado pela equipe de detetives que lhe serve. "Vou ouvir as testemunhas, principalmente a índia e, a seguir,



juntar todas as peças possíveis a respeito das três mortes".

Lucílio Pinheiro afirmou que ainda não há mandado de prisão contra Dalvino Dias de Souza porque o juiz de Direito de Itacarambi está de férias. Quem vem atendendo a Comarca é a juíza de São Francisco, plantonista da Justiça para várias cidades da região. Segundo o delegado, se houver necessidade, ele recorrerá à magistrada.

Os corpos de Jaime, Ezequiel e Valeriano foram sepultados terça-feira, em cova rasa, na própria aldeia de Barra do Sumaré, reserva indígena Xacriabá. Segundo Lucílio Pinheiro, haverá a necessidade de os corpos serem necropsiados e, para tanto, ele recorrerá a um legista da Delegacia Regional de Montes Claros.

Ainda de acordo com o delegado de Januária, a prisão preventiva de Dalvino somente será pedida se ele não se apresentar espontaneamente. Ele está jurado de morte por familiares de Ezequiel e Valeriano.

Apesar do trauma causado pelos crimes, a situação está sob controle na reserva dos xacriabás, que são pacíficos e que, atualmente, depois de tantas tragédias, eles mesmos se encarregaram de apaziguar os ânimos das famílias envolvidas. Há, porém, entre os indígenas, o forte desejo de ver a Justiça ser feita, a fim de conter a sede de retaliações que naturalmente deve existir entre os familiares de Ezequiel e Valeriano.

## Marcados pela violência

Os índios xacriabás, que vivem na reserva de Barra do Sumaré, a 36 quilômetros de Itacarambi e a 746 de Belo Horizonte, na verdade vem sofrendo há anos um desgastante processo de desagregação. Depois de sofrerem todas as forças de ameaças e perseguições, ameaçados de expulsão da reserva pela Funai, os índios xacriabás, que habitam uma área de 46,414 hectares no município de Itacarambi, no Norte de Minas, estão agora sofrendo as mesmas mazelas que têm deteriorado a convivência dos brancos: brigas entre seus próprios membros, alcoolismo e sedução. Estes ingredientes, à primeira vista, formaram o estopim que culminou com as três mortes dos índios Ezequiel, Jaime

e Valeriano, anteontem, que vão ser apuradas pela Delegacia de Januária.

Remanescentes de várias nações indígenas que habitam o Norte de Minas e o Sul da Bahia, os xacriabás sempre conviveram com a violência. Em 1987, pistoleiros armados invadiram a reserva de Barra de Sumaré, quando foram mortos três índios. A invasão, na Aldeia de Santa Cruz, foi comandada na ocasião pelo fazendeiro Francisco Amaro. Ele, 15 pistoleiros e alguns posseiros mataram os índios Rosalino Gomes de Oliveira, José Teixeira Xacriabá e Mamoel Fiúza da Silva. No confronto entre índios e pistoleiros morreu também o antigo posseiro Agenor Nunes Macedo, que, segundo o Conselho Indigenista

Missionário (Cimi), foi expulso da reserva pelos índios em abril de 85, quando prestava seus serviços ao prefeito de Itacarambi, José Ferreira de Paula. Um dos mortos, Manoel Fiúza, foi alvejado por um pistoleiro conhecido como "Alfredão", em maio de 1986. O comandante da chacina, Francisco Amaro, pernambucano, proprietário em Manga, invadiu as terras indígenas em julho de 86, construiu uma casa onde vendia bebidas alcoólicas e era freqüentada por pistoleiros da região, comandados por Alfredão. Em setembro do ano passado, em atrito entre índios e posseiros, o fazendeiro Francisco Amaro perdeu seu sobrinho, Francisco Quezado, que participava do ataque aos índios comandado por Alfredão.